

A DOR-DE-CABEÇA TUCANA

HELAYNE BOAVENTURA

DA EQUIPE DO CORREIO

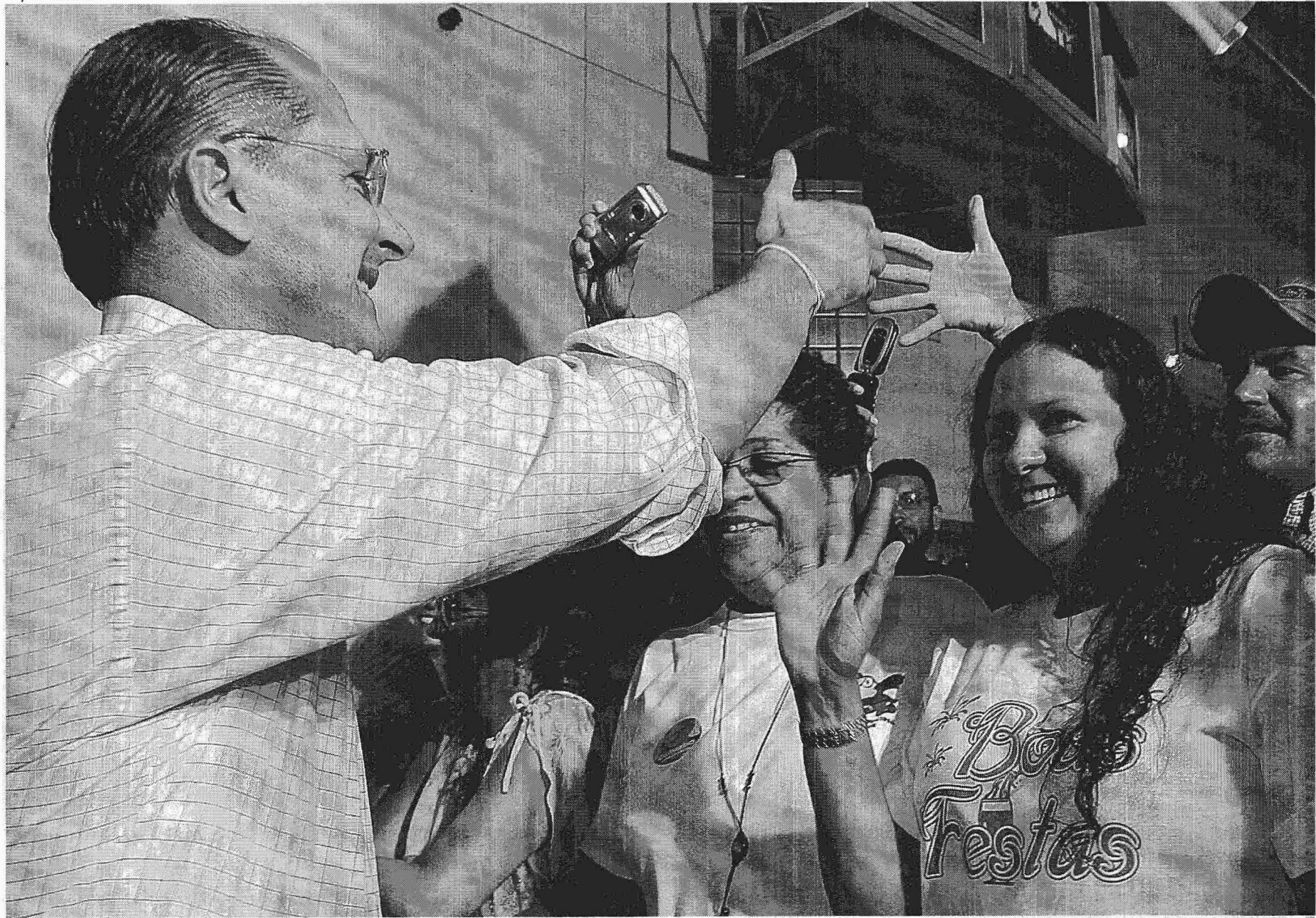
A disputa presidencial está na reta final. Mas o presidenciável Geraldo Alckmin, candidato da coligação PSDB-PFL, ainda enfrenta problemas do início da campanha. Apesar de ter montado uma ampla rede de apoiadores, o tucano tem de lidar com as constantes crises entre os aliados. Nos dois últimos dias, Alckmin fez um claro movimento para tentar recuperar terreno em estados onde disputas inconciliáveis entre integrantes da aliança provocaram resultados eleitorais desastrosos no primeiro turno. Ele foi ontem ao Maranhão, onde está sem palanque, e hoje estará no Rio, para apurar as arestas com o prefeito do Rio, César Maia (PFL), depois do terremoto provocado pelo apoio do ex-governador Anthony Garotinho (PMDB).

A situação de Alckmin no Maranhão é crítica. No primeiro turno, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva obteve 75% dos votos, enquanto o tucano abocanhounhinhos 18% do eleitorado. Para piorar, ele não conseguiu a adesão formal de nenhum dos dois candidatos a governador. A senadora Roseana Sarney (PFL) corre o risco de ser expulsa do partido por ter declarado apoio ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), despachará hoje o pedido de expulsão da senadora. E o outro concorrente, o ex-prefeito de São Luís Jackson Lago (PDT), mesmo não sendo tucano, ficou em cima do muro. Como recebeu a adesão do PT, foi à televisão dizer ter o apoio tanto de Lula quanto de Alckmin. Em São Luís, o tucano disse que o país não vai "perder tempo" escolhendo novamente Lula: "Ele teve a sua chance e deixou passar a oportunidade. Seu governo foi uma lambança do ponto de vista ético. Não funcionou. É muito ineficiente, devagar. Tem 34 ministérios."

Oligarquias

Com apenas meio palanque no Maranhão, o tucano decidiu adotar a estratégia de "comer pelas beiradas". Contou com o apoio do prefeito de São Luís, Tadeu Palácio (PDT), e dos deputados federais eleitos pelo PSDB, com os quais se reuniu ontem à noite na capital maranhense. Alckmin foi orientado a, apesar da situação inusitada de Jackson Lago,

Clayton de Souza/AE



GERALDO ALCKMIN NO MARANHÃO: "LULA TEVE A SUA CHANCE E DEIXOU PASSAR A OPORTUNIDADE. SEU GOVERNO FOI UMA LAMBANÇA DO PONTO DE VISTA ÉTICO. NÃO FUNCIONOU"

colar sua imagem à dele ao repetir o discurso que levou o pedetista a ameaçar a posição política da família Sarney no estado. Jackson Lago tem pregado o fim das "oligarquias" no Maranhão. "A vontade da população de varrer a última oligarquia fez o PT e o PSDB ficarem juntos sem se estapearem", relata o deputado Sebastião Madeira (PSDB-MA).

"O PDT já se pronunciou pela independência, que eu respeito. Apoio Jackson seguindo orientação no meu partido no estado, independentemente de ter apoio fechado do candidato", avisou Alckmin, ao

chegar ao estado ontem. O objetivo do tucano é, pelo menos, chegar a níveis próximos dos 30% dos votos no segundo turno.

O tucano participou de um encontro organizado pela Federação das Associações Municipais do Estado do Maranhão (Famem), que reuniu cerca de 50 prefeitos e outros líderes maranhenses de vários partidos. Em seu discurso, Alckmin prometeu que iria aumentar o repasse do Fundo de Participação dos Municípios de 22,5% para 23,5%: "Eu já fui prefeito e sei que as ações devem estar onde o povo está".

Crise

Os tucanos também estão preocupados com o resultado eleitoral de Alckmin no Rio. No primeiro turno, Lula obteve 49% dos votos e ele, 28%. É fundamental para o tucano aumentar sua votação no estado que é o terceiro maior colégio eleitoral do país. O PSDB aposta que o apoio de Garotinho, um dos políticos mais influentes do estado, ajudará. Mas o efeito da adesão do peemedebista gerou uma crise com o PFL, que parou de fazer campanha para Alckmin no estado.

Ao lado de César Maia, o tucano faz hoje uma caminhada no centro de Bangu, bairro do subúrbio da capital, em um evento que marca a retomada da campanha dos pefelistas no estado. "Não é por uma questão de momento que vamos deixar de apoiar Alckmin e permitir a vitória de Lula", justifica o líder do PFL na Câmara, Rodrigo Maia (RJ). Em entrevista a uma rádio do Ceará, ontem pela manhã, Alckmin disse que não vai privatizar órgãos públicos, mas "despetizar" o governo, caso seja eleito.